



O apagamento de lideranças pastorais de mulheres nas Igrejas Evangélicas de Belém do Pará: uma reflexão à luz da Teologia Feminista

The erasure of women's pastoral leaders in the Evangelical Churches of Belém do Pará: a reflection in the light of Feminist Theology

Sandra Suely Moreira Lurine Guimarães*

Yasmin Dolores Parijós Galende**

Larissa Martins Silva***

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo examinar as lideranças pastorais de mulheres nas Igrejas Evangélicas de Belém, com o intuito de entender de que forma as cartas de Paulo, que tratam sobre a submissão da mulher, são utilizadas como instrumento de apagamento do ministério eclesiástico feminino. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com o referencial da Teologia Feminista. Utilizou-se como instrumento entrevistas semiestruturadas, com três pastoras de Igrejas Evangélicas localizadas na cidade de Belém do Pará, local escolhido com o intuito de enriquecimento da produção científica regional e do recorte prático da pesquisa para a realidade da região amazônica. Conclui-se pela inevitável necessidade de mudanças nas estruturas patriarcais das Igrejas, para que haja uma efetiva participação de lideranças femininas nesses ambientes.

Palavras-chave: Lideranças Pastorais. Igrejas Evangélicas. Teologia Feminista.

* Doutora em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará. Atualmente é professora da Faculdade Facy Wyden, membra do grupo de pesquisa Filosofia Prática: Investigações em Política, Ética e Direito (CNPq – UFPA). E-mail: sandralurine@yahoo.com.br

** Doutoranda em Direito pelo PPGD/UFPA. Mestra em Direito, Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional, com ênfase em Direitos Humanos, pelo CESUPA. Professora Universitária de Direito. Membra do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Direito da Faculdade Estácio de Castanhal (PA). Membra da Comissão Própria de Avaliação da Faculdade Estácio de Castanhal (PA). Coordenadora do grupo de pesquisa Filosofia Prática: Investigações em Política, Ética e Direito (CNPq – UFPA). Advogada inscrita na OAB/PA. Graduada em 1º lugar geral do Curso de Bacharelado em Direito pelo CESUPA (2012 a 2016). Atua nos ramos da Filosofia do Direito, Direitos Humanos, Ciência Política, Direito do Trabalho e Estudos de Gênero. E-mail: yasmingalende@gmail.com

*** Bacharel em Direito pelo Centro Universitário do Pará (CESUPA). Mestranda em Ciência Política pela Universidade Federal do Pará (PPGCP/UFPA). Integrante do grupo de pesquisa Filosofia Prática: Investigações em Política, Ética e Direito (CNPq – UFPA).



Abstract: This paper aims to examine the pastoral leadership of women in the Evangelical Churches of Bethlehem, analyzing how Paul's letters, which deal with the submission of women, are used against women's ecclesiastical ministry, and interfere in the maintenance of women as supporting role in the history of Christianity. It is bibliographic research, with the reference of Feminist Theology. It was used as an instrument of semi-structured interviews, with three pastors of Evangelical Churches located in the city of Belém do Pará, a place chosen with the intention of enriching the regional scientific production, and of the practical part of the research for the reality of the Amazon region. It concludes by the inevitable need for changes in the patriarchal structures of the Churches so that there is effective participation of female leaders in these environments.

Keywords: Pastoral Leadership. Evangelical Churches. Feminist Theology.

Introdução

A presença de mulheres ocupando espaços de lideranças nas igrejas evangélicas tem sido objeto de discussão, notadamente, em razão delas serem predominantes quantitativamente nesse espaço, tal como revelam os dados do Datafolha¹. A palavra igreja advém do termo *eklesia*, em latim, que significa “uma assembleia de cristãos reunidos para culto, uma companhia de cristãos”². Entende-se, nesse sentido, que igreja cristã seria uma comunidade de pregação dos ensinamentos de Cristo, um conjunto de fiéis que, unidos pela mesma fé, celebrariam as mesmas doutrinas religiosas. Noutro sentido, pode-se também compreendê-la a partir da noção objetiva de igreja-templo, isto é, como um local específico – delimitado por seus muros, paredes, portas e por uma estética que lhe é particular – que é lido por cristãos e não-cristãos enquanto um espaço onde se pratica a religiosidade.

Tais definições não esgotam as possíveis conceituações do termo, que pode ainda ser estudado a partir da expressão da sacralidade subjetiva, isto é, do corpo enquanto templo do sagrado – acepção na qual o indivíduo é igreja em sua práxis vivencial – ou, em oposição, ser conceituado no sentido da sociologia weberiana da religião como uma “empresa hierocrática [...]”

¹ De acordo com a pesquisa realizada pelo Datafolha, em dezembro de 2019, a região Norte do Brasil concentra o maior percentual de evangélicos no país, superando o número de católicos, sendo a região com maior concentração de religiosos protestantes no país. A mesma pesquisa revelou que nessa região, as mulheres correspondem a 58% desses religiosos. Todavia, esse número majoritariamente de mulheres não se reflete nas atividades de lideranças evangélicas, uma vez que grande parte dessas igrejas não permitem que mulheres exerçam o pastorado. Segundo Santos, somente as igrejas metodista, luterana, anglicana e as do exército da salvação e do evangelho quadrangular e presbiteriana unida, aceitavam mulheres como pastoras. Todavia essa realidade não revela a ausência de mulheres nessas igrejas, exercendo funções importantes. Na realidade, as mulheres sempre estiveram desempenhando atividades de lideranças, mas somente aquelas consideradas como características das “habilidades femininas”. SANTOS, Maria Goreth. *A mulher na hierarquia evangélica: o pastorado feminino*. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

² TOGNINI, Enéas. *Eclesiologia (Doutrina da Igreja)*. São Paulo: Edições Convenção Batista Nacional, 1988, p. 28.

[que] em seu quadro administrativo pretenda para si o monopólio da legítima coação hierocrática”³, à medida que a Igreja, enquanto instituição, aliara-se ao Estado para a reprodução de determinadas formas de poder.

Dentro do que se entende pela tradição cristã no ocidente, e que historicamente não se resume a uma única doutrina ou maneira unívoca de expressão desta religiosidade, o presente artigo optou por focar na vertente que dá origem e que integra a Igreja Evangélica⁴, haja vista esta ser a tendência oriunda do cristianismo que hodiernamente mais vem agregando fiéis no Brasil⁵. Outrossim, uma particularidade que se observa em relação às Igrejas Evangélicas brasileiras dentro da tradição cristã é que não há em suas organizações internas uma espécie de desautorização regimental de que mulheres ascendam aos cargos de mais alta hierarquia nas congregações, isto é, que assumam lideranças pastorais.

Nesse sentido, o intuito do presente artigo reside em investigar criticamente, a partir dos estudos da Teologia Feminista, a perpetuação na tradição das Igrejas Evangélicas da ideia de que a atividade pastoral seria uma prática propriamente masculina, tornando as mulheres sempre coadjuvantes de uma religiosidade e de um espaço que também são seus. Esta diferenciação de papéis nos espaços da igreja, na qual as mulheres acabam exercendo predominantemente atividades de cuidado e educação, fortemente ligadas às noções de maternidade e feminilidade, decorre de séculos de uma dominação patriarcal que reforça uma diferenciação social entre os gêneros, tendo em vista que “legisladores, sacerdotes, filósofos, escritores e sábios empenharam-se em demonstrar que a condição subordinada da mulher era desejada no céu e proveitosa à terra”⁶.

Para Ivone Gebara⁷, teóloga feminista, isso ocorre desde os primórdios das sociedades ocidentais, onde somente as elites masculinas tinham o privilégio da escrita e, conseqüentemente, poderiam ocupar espaços públicos e se dirigir à população. Nas instituições religiosas cristãs, profetas e sacerdotes falavam em nome de Deus, logo, a imagem desse Deus passou a ter a forma de quem falava publicamente, o que tornou também o sagrado algo predominantemente masculino. Padrões de comportamento e ética foram estipulados por homens que alegavam ter uma autoridade

³ WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Tradução de Regis Barbosa e Katen Elsabe Barbosa. Brasília: UNB, 2000, p. 34.

⁴ O termo “evangélico” decorre de uma concepção própria do Brasil acerca da vertente cristã que nasceu a partir do protestantismo, nesse sentido, “no Brasil, o termo evangélico é utilizado para se referir tanto às denominações protestantes históricas — Luterana, Metodista, Batista, Presbiteriana, Episcopal, Congregacional etc. — quanto às pentecostais — Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, Deus é Amor, O Brasil para Cristo, Casa da Benção, Nova Vida, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional do Reino de Deus etc.” GONÇALVES, Rafael Bruno; PEDRA, Graciele Macedo. O surgimento das denominações evangélicas no Brasil e a presença da política. *Diversidade Religiosa*, João Pessoa, v. 7, n. 2, p. 69-100, 2017, p. 71-72.

⁵ GONÇALVES; PEDRA, 2017.

⁶ BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo, a experiência vivida*. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. Vol. 2.

⁷ GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Editora brasiliense, 2007.

vinda do céu, e, em razão disso, as mulheres se comportavam com base nos ensinamentos masculinos, nos quais esses têm a preponderância e o protagonismo nos espaços da igreja.

Em virtude disso, tem-se que na prática o número de mulheres à frente de cargos de lideranças nas Igrejas Evangélicas brasileiras é exíguo, e isso decorre não de um desinteresse particular das evangélicas, mas de óbices socialmente impostos à própria condição de mulher, que se manifestam nos escritos do Evangelho e reverberam na atribuição de papéis secundários e de submissão a essas mulheres, bem como nas manifestas dificuldades às quais aquelas que enfrentam o desafio de assumir uma liderança estão submetidas.

As lideranças de mulheres nas Igrejas Evangélicas são constantemente questionadas, ainda, devido a uma interpretação parcial e tendenciosa de textos bíblicos isolados que contrariam o ministério eclesiástico das mulheres⁸, reforçando a invisibilidade feminina, apesar de haver relatos de uma forte presença das mulheres no cristianismo desde a época que se atribui à vida de Jesus Cristo. “Os teólogos e os homens de Igreja têm, portanto, interpretado mal as palavras do Apóstolo, forçando seu significado e deturpando suas intenções”⁹. Nesse cenário, faz-se necessário igualmente o estudo crítico sobre a interpretação tradicional e hegemônica sobre os textos bíblicos, a fim de compreender sua influência decisiva no silêncio imposto às mulheres nas instituições cristãs.

A problemática que envolve este artigo é a de investigar de que maneira a interpretação dos textos bíblicos, que contrariam o ministério eclesiástico das mulheres, influenciam no apagamento das lideranças femininas nas Igrejas Evangélicas brasileiras. Para tal desiderato, foi empregado um estudo bibliográfico de obras da teologia feminista dentre as quais figuram o livro, *In memory of Her*, da teóloga alemã Elisabeth Fiorenza¹⁰, a obra *Aquela que é: o ministério de Deus no trabalho teológico feminino*, da teóloga estadunidense Elizabeth Johnson¹¹, os livros *O que é teologia feminista* e *Mulheres, Religião e Poder: ensaios feministas*, ambos da teóloga feminista brasileira Ivone Gebara¹², e outros, a fim de explorar a questão da invisibilidade das mulheres no âmbito das Igrejas Evangélicas, a partir de uma perspectiva feminista. Também, utilizou-se a obra

⁸ Por essa razão, foi de fundamental importância o advento da teologia feminista e, por consequência, a apropriação por parte das mulheres, de ferramentas exegéticas dos textos bíblicos como um árduo e desafiador caminho na direção da desconstrução das cristalizadas interpretações patriarcais do texto sagrado. Isto porque é sabido que esse tipo de texto, em regra, não possui um sentido unívoco, mas tem na realidade uma polissemia que autoriza uma hermenêutica que não legitime a submissão da mulher, como tem ocorrido com a interpretação tradicional e conservadora.

⁹ VALERIO, Adriana. A teologia, o feminino. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 367-376, 2005, p. 368.

¹⁰ FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *In Memory of Her: A Feminist Theological Reconstruction of Christian Origins*. New York: Crossroad, 1994.

¹¹ JOHNSON, Elizabeth. *Aquela que é: O ministério de Deus no trabalho teológico feminino*. Petrópolis: Vozes, 1995.

¹² GEBARA, 2007; GEBARA, Ivone. *Mulheres, Religião e Poder: ensaios feministas*. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017.

Modeladas para reinar, do pastor Kris Valloton¹³, onde se tem a análise dos referidos textos bíblicos particulares ao tema, e o problema da aplicação literal destes no atual cenário das Igrejas Evangélicas.

Evidencia-se, ademais, que, com a finalidade de conferir maior organicidade ao trabalho e de imergir na realidade que ora será abordada, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três pastoras de Igrejas Evangélicas localizadas na cidade de Belém do Pará, local escolhido com o intuito de enriquecimento da produção científica regional, e do recorte prático da pesquisa para a realidade da região amazônica.

A relação da Bíblia com o patriarcado

Ao longo dos séculos, as mulheres foram consideradas como uma subclasse da sociedade, estando a construção e narrativa da História da civilização restrita aos homens desde a invenção da escrita na Mesopotâmia. Segundo Gerda Lerner, “o conhecimento histórico, até pouco tempo atrás, considerava as mulheres irrelevantes para a criação da civilização e secundárias para atividades definidas como importantes em termos históricos”¹⁴, ou seja, as mulheres vêm sendo excluídas da própria formação de novas teorias. O processo de exclusão é evidenciado nas relações familiares, econômicas, religiosas, governamentais e até nas divindades masculinas, o que indica que a subordinação das mulheres aos homens é anterior a própria construção da história da civilização.

O sexismo sustentou que as pessoas do sexo masculino são, por conta da sua natureza, inerentemente superiores às pessoas do sexo feminino. Em contrapartida, o patriarcado estabelece uma forma de organização social, designando o poder nas mãos dos homens, com as demais pessoas subordinadas a eles. Os tradicionalistas religiosos defendem que a mulher deve ser submissa ao homem, pois foi criada por Deus através da costela de Adão, portanto, se possui características biológicas diferentes devido ao planejamento divino, também deve ter atribuições de tarefas distintas, ou seja, a divisão sexual do trabalho é justa e funcional¹⁵.

A sociedade ocidental retira da Bíblia Sagrada definições de gênero e moralidade que sustentam opressões de gênero e raça. Os livros sagrados demonstram as sociedades de Israel divididas em tribos (1.050 a.C.), anteriores a própria ideia de Estado em Israel. Os pais pagavam dotes para que as filhas se casassem e estas saíam do seu domínio para o do marido. “O estudioso da Bíblia Louis M. Epstein afirma que, durante os períodos iniciais, o marido tinha liberdade de uso sexual em relação as suas concubinas e escravas. “Se as escravas-esposas fossem dele mesmo

¹³ VALLOTON, Kris. *Modeladas para reinar*: outorgando poder às mulheres para cumprir seu destino divino. Belo Horizonte: Editora Se7e Montes, 2015.

¹⁴ LERNER, Gerda. *A criação do Patriarcado*: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Editora Pensamento; Cultrix, 2019, p. 7.

¹⁵ LERNER, 2019.

[...] ele podia presentear a outros familiares quanto se cansasse delas”¹⁶. Ou seja, na narrativa bíblica, a mulher é considerada legal e economicamente inferior ao homem, refletindo na composição da sociedade hebraica e na estrutura das Igrejas, que tem como fundamento basilar os textos bíblicos.

São Tomás de Aquino defendia que, em relação a natureza do indivíduo, a mulher seria defeituosa e bastarda, tendo sido criada por Deus para um fim definido, o de reproduzir, pois é a única coisa que o homem não consegue fazer sem a ajuda da mulher. Portanto, para Elizabeth Johnson, ainda hoje as mulheres vivem os efeitos do sexismo, sob o ponto de vista social e psicológico. “As mulheres são uma classe inferior, que funciona como ‘escravas dos escravos’, subordinadas aos homens que por si mesmos já são oprimidos.”¹⁷

Há aproximadamente 2.500 anos, o Deus dos hebreus é interpretado, tratado e representado como um Deus-Pai masculino e branco. Devido a isso, as mulheres ao longo da história do cristianismo foram ensinadas dentro das Igrejas que o masculino é a norma, tendo que receber, de forma passiva, as designações impostas por aqueles que as governam. Dentro da perspectiva teológica da Elizabeth Johnson¹⁸, defende-se que a criação do homem e da mulher à imagem de Deus e o sacramento do batismo que os recria como imagem e semelhança de Deus, são armas poderosas para a transformação do pensamento sexista que impera nas Igrejas Evangélicas, bem como meios de torná-las fiéis ao que seria o melhor de sua tradição. “A vida e a fé são repensadas em formas novas que possam promover a igualdade da mulher e de todos os oprimidos, numa comunidade genuína de reciprocidade”¹⁹.

Para Gerda Lerner²⁰, os que consideram que a narrativa bíblica traz à tona avanços sociais para as mulheres, tem como exemplo aquelas que foram consideradas heroínas na narrativa bíblica, mas que não possuem expressiva relevância entre tantas outras descritas em papéis servis e subordinados. No livro de Gênesis, quando Eva come do fruto proibido, tem-se a entrada do pecado no mundo devido a atitude de uma mulher, tendo a Igreja perpetuado o entendimento de que as mulheres trouxeram maldição para a terra. Portanto, homens fazem a mediação entre Deus e o mundo, ficando evidente nas formas de exclusão da mulher do sacerdócio, rituais religiosos e, conseqüentemente, da capacidade de questionar e alterar as estruturas patriarcais religiosas.

A religião definiu o destino das mulheres, assim como tentou controlar as produções de pensamentos teológicos femininos. Todavia, dentro dos lares, quando se trata da família, a soberania feminina é apreciada, reproduzindo-se poderes e valores que estão ligados a concepção de masculino e feminino. Isso ocorre devido a um processo de naturalização das funções sociais e

¹⁶ LERNER, 2019, p. 36.

¹⁷ JOHNSON, 1995, p. 49.

¹⁸ JOHNSON, 1995.

¹⁹ JOHNSON, 1995, p. 56.

²⁰ LERNER, 2019.

biológicas. Isto é, as mulheres cumprem atividades que são compatíveis com seu sexo biológico, havendo uma divisão sexual do trabalho, que é mantida dentro das Igrejas.

A simbologia da força, da coragem, do governo do mundo, da compreensão do mundo, do sacrifício até a morte se mostra prioritariamente como expressão masculina. As mulheres são os complementos, as donas da casa, as educadoras das crianças, as cuidadoras dos velhos e doentes, visto que essas tarefas são consideradas mais afins com a sua natureza. E quando elas se atrevem a entrar nos lugares públicos masculinos ou reivindicar direitos são violentadas e acusadas de rebeldia em relação à sua própria condição.²¹

Nota-se que as Igrejas evangélicas sustentam uma espécie de patriarcado religioso, pois os homens se consideram divinamente estabelecidos para exercerem as lideranças, ocorrendo um “mandato divino”. Dessa forma:

Um dos danos irreversíveis está no fato de não termos o registro das palavras das mulheres discípulas de Jesus pregando sua mensagem, discutindo entre si o que a fé significa, e contribuindo para as decisões de uma comunidade pós ressurreição – embora traços dessas atividades possam ser encontrados nas Escrituras. Temos pouco conhecimento da experiência de fé, discernimento teológico, e dons pastorais de milhões de mulheres que formaram a metade da comunidade Igreja nos séculos subsequentes – embora suas preces, suas buscas por Deus, e suas iniciativas criativas [...] tenham sido por nós herdadas.²²

As mulheres, então, assumem papéis nas igrejas que podem ser considerados como uma extensão do lar, pois reforçam os padrões sociais sobre feminilidade, como por exemplo, cuidar das crianças, liderar eventos culinários e filantrópicos. Todavia, não é recorrente que sejam inseridas nos cargos pastorais ou que se manifestem categoricamente em assembleias decisórias. “Nas Igrejas Batistas, sempre predominou o discurso de que mulher não pode ficar acima do homem, embora o estatuto das igrejas permita independência”. As mulheres não conseguem se desvincular da sua figura materna, pois desde a infância aprendem a normalizar a atribuição do papel de inferioridade e submissão, ocupando espaços que reiteram a ideia das tarefas domésticas e maternidade compulsória, pois como Ieciona Davis²³, de uma era histórica a outra, a mulher tem sido associada ao ambiente doméstico.

A leitura da Bíblia feita pelos tradicionalistas como um guia para moralidade, tornou a mulher como um ser secundário, que deve permanecer dentro da reprodução do ambiente privado nas Igrejas, cabendo apenas tarefas ligadas ao âmbito doméstico. Ademais, sustentou a figura universal de Deus como um homem branco, que se distancia dos povos latino-americanos e se aproxima do europeu, impedindo o autorreconhecimento na imagem e semelhança divina.

²¹ GEBARA, 2007.

²² VIERO, Gloria Josefina. *Inculturação da fé no contexto do feminismo*. 2005. 205 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005, p. 107. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7089/7089_1.PDF. Acesso em: jan. 2020.

²³ DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

Eu tiro Cristo desse lugar do branco, loiro, dos olhos azuis. Eu tiro da história contada pela Europa essa importância num Cristo que é africano, de um cristianismo que é de matriz afro-asiática. Eu vou tornando africano o meu olhar, a minha espiritualidade e o meu modo de ser mulher na sociedade.²⁴

Cabe pontuar que o fato de as mulheres serem consideradas como subclasses dentro desse espaço, fez com que o próprio feminismo fosse encarado como demoníaco, já que pensa em um mundo onde mulheres compartilhem de direitos iguais. Segundo Heloísa Buarque de Hollanda²⁵, não há movimentos feministas nas igrejas pentecostais ou neopentecostais do Brasil, quais sejam, Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, Deus é Amor, O Brasil para Cristo, Casa da Bênção, Nova Vida, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional do Reino de Deus. A Teologia Feminista na América Latina surge nas Igrejas protestantes históricas, que são as luteranas, anglicanas e metodistas.

Na medida em que as igrejas protestantes cederam espaço para as mulheres, os ideais libertários feministas passaram a ser processados lentamente pelas respectivas comunidades de fé. Trata-se de uma subversão nas bases, um labor sutil de mudança de modelos mentais que opta por não se declarar feminista para não colocar em jogo os avanços já alcançados.²⁶

A Teologia Feminista na América Latina é um convite a subversão, aos modelos eurocêntricos da religião que foram trazidos, principalmente, durante a colonização do Brasil com a apresentação de um Deus branco que tolerava a escravidão, tortura e exploração em troca de conceder a vida eterna após a morte, em outro mundo. As mulheres ocupam um papel fundamental na formulação da história que não foi contada, a fim de retomar a identidade religiosa, que está relacionada ao contexto social, cultural, histórico e de gênero.

Teologia feminista e lideranças pastorais de mulheres: diferentes perspectivas, mesmo propósito

Em um contexto de marginalização da mulher no cristianismo, nasce a Teologia Feminista, direcionada, entre outras coisas, ao questionamento, através da própria teologia, sobre as estruturas patriarcais que são perpetuadas dentro da fé cristã. Algumas teólogas começaram a falar sobre Deus através de suas perspectivas e experiências pessoais, assumindo posições de liderança pastoral e, conseqüentemente, rompendo com o silêncio de séculos. Para a Teologia Feminista, mais importante do que estabelecer a liderança de mulheres nas Igrejas em termos administrativos e espirituais, é assegurar o reconhecimento da presença feminina nesse espaço. “Não se pretende dar destaque à mulher ou às mulheres envolvidas nos acontecimentos para garantir a legitimidade

²⁴ HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Explosão Feminista*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 403.

²⁵ HOLLANDA, 2018.

²⁶ HOLLANDA, 2018, p. 401.

da voz das mulheres para falar com Deus. Constatar sua presença e afirmá-la, isto sim, é um resgate necessário”²⁷.

A Teologia Feminista surgiu no século XIX, quando Elizabeth Cady Stanton, uma sufragista norte-americana, percebeu que os homens se baseavam na Bíblia para se posicionarem de forma contrária ao voto feminino, e o faziam em nome de Deus. Devido a isso, ela começou a reunir um pequeno grupo de mulheres para examinar os versículos bíblicos que tratavam sobre a mulher e reinterpretá-los a partir das suas próprias convicções e experiências. Desses encontros, foi escrita a “Bíblia da Mulher” (*Woman’s Bible*), publicada em duas partes, em 1895 e 1898, sucessivamente.

Elizabeth Cady Stanton alegava que o fanatismo religioso e o uso acrítico da Bíblia eram os maiores inimigos para o movimento das mulheres. Ela denunciava a participação do clero na opressão das mulheres, tendo em vista que faziam uso de textos bíblicos para pregar a submissão feminina e reafirmar a opressão dentro dos lares. Nesse cenário político de luta pelo direito ao sufrágio, nasce a Teologia Feminista, sendo reconhecida somente anos depois em reivindicações por diaconisas e pastoras nas Igrejas dos Estados Unidos e Europa²⁸.

A Teologia Feminista insere a mulher no âmbito das Igrejas como sujeito de conhecimento, legitimando seus trabalhos teológicos, a fim de combater o patriarcado religioso, que considera apenas os homens como ordenados por Deus para exercerem o ministério eclesiástico. Ainda, denuncia a exclusão das mulheres ocasionada a partir dos discursos e ações baseadas em concepções errôneas da biologia e do divino. A Teologia Feminista possui diferentes abordagens, como por exemplo, “algumas teólogas trabalham o resgate das mulheres na Bíblia, outras, as imagens de Deus, a teologia antiga e a contemporânea, porém, sempre direcionada à sua intencionalidade específica”²⁹. Ou seja, apesar das perspectivas divergentes, ambas priorizam a conquista do protagonismo feminismo no âmbito da religiosidade cristã.

Na América Latina, surge a Teologia Feminista Latino-Americana, que analisa a realidade histórica, cultural, social e étnica/racial das mulheres latino-americanas e caribenhas, entendendo que a revelação acerca da imagem de Deus não ocorre sem a análise das coordenadas históricas. Para Claudete Araújo³⁰, a supremacia masculina está relacionada com o cenário econômico, de opressão social e violência em que as mulheres estão submetidas. Portanto, “o lugar social é

²⁷ ROHDEN, Fabiola. *Catolicismo e protestantismo: o feminismo como uma questão emergente*. Rio de Janeiro: UFRJ; ISER, 1997, p. 18.

²⁸ DEIFELT, Wanda. Os Primeiros Passos de uma Hermenêutica Feminista: a Bíblia das Mulheres, editada por Elizabeth Candy Staton. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 32, n. 1, p. 5-14, 1992. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br>. Acesso em: dez. 2019.

²⁹ ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 294-304, jan./abr. 2006, p. 298.

³⁰ ARAÚJO, Claudete. Desafios e perspectivas à produção teológica a partir da contribuição das teologias feministas. In: Luiz Carlos Susin (Org.). *Sarça Ardente: Teologia na América Latina: prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2000.

fundamental para compreender a experiência das mulheres. A forma de compreender o mundo e de interpretar a realidade é determinada por gênero, raça, classe, idade e orientação sexual”³¹.

Para Ivone Gebara, freira, filósofa e uma das fundadoras da Teologia Feminista na América Latina, fazer teologia surge da convivência, da transmissão de ideias e de compartilhar o simples da vida, pois muitas mulheres que possuem o dom de ensinar sobre a Bíblia, especificamente no Nordeste do Brasil, são analfabetas, então conseguem lecionar a partir das suas vivências e experiências com Deus. A teóloga feminista leciona que os homens dentro das Igrejas resistem às reivindicações das mulheres, pois sentem-se ameaçados com a possibilidade de partilhar as responsabilidades nas decisões. “O ‘poder sagrado’ dos homens nas instituições da religião começa a ser questionado e isto gera muita insegurança. As mulheres não obedecem mais: ‘tiraram o véu’, não cobrem mais a cabeça e começam a falar nas assembleias”³².

Ivone Gebara defende que, dentro do cristianismo, ocorre uma repetição ou prolongamento da soberania masculina nas sociedades patriarcais, logo, não seria um fenômeno original, apenas uma adaptação dos costumes hierárquicos aos moldes religiosos, o que impossibilita a atuação genuína das mulheres nas Igrejas. É importante ressaltar que, de acordo com Gebara, “do ponto de vista antropológico e teológico formal, as mulheres são igualmente consideradas imagens de Deus, mas na vida real continuam sem poder para representar a Jesus Cristo e, portanto, sem a menor paridade na condução dos rumos da Igreja”³³.

É imprescindível destacar que, para Ivone Gebara, as mulheres alcançarão uma equidade na participação nas Igrejas e sairão da zona da invisibilidade quando entenderem que Deus nasce da experiência, não havendo necessidade de ministros ou ministérios para sentirem-se habitadas. Faz-se urgente que existam espaços onde elas possam congregar, sem que haja um ensino de dogmas e mandamentos que estipulem um padrão de vivência e comportamento, gerando uma espécie de opressão feminina. Assim, assevera que:

É importante fazer uma releitura bíblica a partir de uma hermenêutica feminista que restaure a verdade da história, restaurando a memória ‘subversiva’ de milhares de mulheres que entregaram apaixonadamente suas vidas pelo povo, servindo o Reino de Deus.³⁴

Contraopondo as Teologias Feministas eurocêntricas, nas veias abertas da América Latina surge também a Teologia Feminista Negra, que ainda em 1975 apontava a necessidade de

³¹ KROB, Daniéli Busanello. Teologia Feminista Latino-Americana, Teologia Feminista Negra e Teologia Ecofeminista: partes de um todo. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE, 18, 2014, Recife, PE. *Anais [...]*. Recife, PE: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2014. p. 3629-3644, p. 3632. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/535/862>. Acesso em: 3 ago. 2020.

³² GEBARA, 2017, p. 158.

³³ GEBARA, 2017, p. 35.

³⁴ GEBARA, Ivone. Desafios que o movimento feminista e a teologia feminista lançam à sociedade e às Igrejas. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 27, n. 2, p. 153-161, 1987, p. 160. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1210. Acesso em: 12 dez. 2021.

abordagens específicas sobre racismo e sexismo na Teologia da Libertação, já que são ideologias opressoras que caminham juntas³⁵. Na década de 1980, a teóloga negra Delore Williams apontou que o feminismo branco não servia para as mulheres negras, criticando ainda a abordagem recortada da Teologia Feminista, que se resume ao patriarcado e ao poder masculino, excluindo a análise acerca do poder exercido pelos homens e mulheres brancas sobre as mulheres negras³⁶.

[...] a mulher negra é invisível não só no interior do sistema patriarcal, mas também no interior do próprio movimento feminista e da teologia feminista. Se o patriarcado produz o sexismo como opressão da mulher em razão do sexo/gênero, o sistema perverso que oprime a mulher negra gera uma dupla opressão em razão do sexo/gênero e da raça³⁷.

Elizabeth Johnson, teóloga feminista nos Estados Unidos, leciona que o movimento feminino dentro da sociedade civil e da Igreja revelou a exclusão generalizada da mulher quanto a tomada de decisões, decorrente de um modelo de mundo projetado para o homem. Todavia, a alarmante preocupação referente a invisibilidade nas Igrejas diz respeito a carência da presença feminina nos setores de atividades como sistemas teológicos, cargos eclesiásticos, cultos, modos de espiritualidade e, principalmente, na liderança. Dessa forma:

As mulheres, há muito tempo, consideradas menos adequadas como seres humanos, reivindicaram para si a prerrogativa de serem consideradas participantes ativas da história e se expressam em relação a Deus dentro do espírito desta identidade emergente, para todos os efeitos práticos e críticos.³⁸

Partindo do pressuposto de que a Bíblia Sagrada é o manual do cristão, que rege sua vida, é contraditório que ainda haja sexismo dentro das Igrejas evangélicas, tendo em vista que as escrituras apresentam a mulher como criada à imagem e semelhança de Deus, sendo redimida por Jesus³⁹. Para a teologia feminista, a divisão sexual nesse ambiente afronta o próprio Deus, pois desfigura a sua criação. Logo, seria primordial que as estruturas patriarcais fossem revisadas, a fim de libertar os seres humanos para projetos de vida mais justos uns para com os outros.

Analisando os escritos de Elizabeth Johnson⁴⁰, extrai-se que as mulheres dentro das Igrejas evangélicas não ocupam um local propriamente desnecessário, mas sim, de desvalorização sistemática. Ou seja, estão situadas à margem, não fazendo parte do corpo principal. Devido a isso, a teologia feminista não pretende abordar exatamente sobre a mulher, fazendo-se urgente tratar

³⁵ GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*. Tradução de João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 1998, p. 410.

³⁶ GIBELLINI, 1998, p. 410-411.

³⁷ GIBELLINI, 1998, p. 411.

³⁸ JOHNSON, 1995, p. 21.

³⁹ A pastora e estudiosa feminista, doutora em feminismo sob a ótica cristã, Odja Barros, defende que Jesus é uma inspiração para o feminismo, na medida que, nas palavras da estudiosa, foi um árduo defensor da causa das mulheres, especialmente por se contrapor às estruturas patriarcais inerentes à sociedade de sua época.

⁴⁰ JOHNSON, 1995.

acerca da ordem patriarcal, questionando as normas e práticas que reforçam a tradição cristã: “[...] visa a resistência e transformação não apenas dos que sofrem como marginalizados, mas também de todo o projeto”⁴¹.

Elisabeth Fiorenza, teóloga feminista alemã, leciona que, para além de uma interpretação bíblica feminista, faz-se necessário que as histórias das mulheres nos primórdios do cristianismo primitivo sejam conceitualizadas teologicamente como parte integrante da proclamação do evangelho, caso contrário, os textos bíblicos formulados e codificados pelos homens permanecerão opressivos às mulheres. Tal recuperação da história visa retomar o passado cristão como próprio das mulheres, não apenas como se estivessem à margem da religião ou não fossem ativas. “Como é possível modificar o discurso centralizado nas autoridades teológicas masculinas de modo que conte a participação das mulheres?”⁴².

Partindo do pressuposto de que retomar a história das mulheres no cristianismo influencia positivamente na representatividade frente à religião, em uma entrevista realizada com algumas pastoras que lideram Igrejas Evangélicas em Belém para construção do presente trabalho, foi questionado se o fato de ser pastora e liderar pessoas influencia na forma como outras mulheres veem o evangelho. Uma delas respondeu que algumas mulheres almejam o pastorado, mas são vetadas de assumir esse chamado, geralmente, devido a opiniões contrárias de alguns membros. Para ela, olhar para uma pastora influencia positivamente na estrutura da igreja, pois as mulheres passam a não ter mais medo de se posicionar como líderes. Ademais, reforçou que o papel do pastor é cuidar de vidas, não tendo qualquer relevância para o evangelho se é um homem ou uma mulher exercendo a função. Todavia, o que se depreende por meio da fala de uma pastora entrevistada é que há claramente uma divisão de trabalhos, no interior da igreja, com base nos papéis de gênero. É o que fica claro na manifestação da referida pastora, quando se perguntou se há igualdade nos trabalhos exercidos por homens e mulheres que desempenham lideranças nas igrejas:

“Existem inúmeras reuniões de missões dentro da Igreja Evangélica. Os pastores homens não têm obrigação de participar de todas as reuniões, mas quando são mulheres, ainda que sejam pastoras, tem a obrigação de participar, mesmo tendo outras atividades. É uma cobrança desigual.” (Informação oral)

A teóloga Elisabeth S. Fiorenza reitera o ensinamento no qual histórias femininas não foram inseridas na Bíblia, ou são bastante escassas e, devido a isso, tem-se apenas fragmentos e alguns nomes citados de mulheres participando ativamente da era de Jesus na terra. Todavia, segundo escritos de historiadores, missionários itinerantes e igrejas domésticas eram centrais para a missão cristã primitiva, que dependia de mobilidade e patrocínio financeiro, e as mulheres eram

⁴¹ JOHNSON, 1995, p. 44.

⁴² GREEN, Elizabeth. *Elisabeth Schüssler Fiorenza*. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 13.

líderes em ambas as áreas. Para ela⁴³, o cristianismo e escrituras sagradas são corresponsáveis pela discriminação das mulheres, mas também desempenham um papel positivo em suas libertações.

Fiorenza⁴⁴ distingue seu projeto teológico-feminista, pois introduz o pensamento de que as mulheres possuem diferentes opressões na pirâmide social, como a exploração, marginalização, impotência, imperialismo cultural e violência sistêmica. O termo patriarcado é suprimido pela filósofa pela noção de “kiriarquia”, que indica “o domínio do imperador/dono/senhor/pai/marido sobre os seus subordinados”⁴⁵. O termo procura analisar as múltiplas formas de opressão, seja pelo gênero, etnia ou condição socioeconômica, entendendo que mulheres brancas de classes privilegiadas podem também participar da exploração de outras mulheres.

Tratar sobre uma espiritualidade bíblica feminista significa entender a Bíblia a partir do ponto de vista de uma teoria feminista de justiça, juntamente com um movimento que luta pela mudança. “Não trazemos na memória nossas ‘antecessoras bíblicas’ para identificar-nos com as suas lutas, e sim para poder prosseguir com as nossas lutas em solidariedade com elas, visto que essas lutas não servem apenas para libertar as mulheres, mas também para libertar a Igreja”⁴⁶. Portanto, faz-se necessário que se analise a contextualização das interpretações bíblicas na vida das mulheres, que ainda estão inseridas em uma estrutura de dominação. Elisabeth Fiorenza leciona que, ao longo dos anos, as mulheres não têm sido apenas a maioria “silenciosa” nas Igrejas, mas também a maioria “silenciada”. “No momento em que as mudas falam, em que as invisíveis se visibilizam, o silêncio e o anonimato em que se encontravam antes é denunciado”⁴⁷.

Durante a entrevista, houve o questionamento se as pastoras já tinham sofrido alguma espécie de represália ou tentativa de silenciamento por serem líderes mulheres e o relato de uma delas está transcrito a seguir:

“Visitando uma igreja no interior do Pará, estávamos na casa de uma família e eles nos levaram em sua Igreja local. Pediram que o pastor da Igreja apresentasse que, naquela noite, havia uma pastora visitando a comunidade. Apresentei minhas credenciais e o pastor pegou com desdém. Do púlpito, ele leu as credenciais e disse ‘olha, irmã, aqui nós não temos pastora, aqui esposa de pastor não é pastora. Minha esposa trabalha lado a lado comigo, mas não é pastora’. Na frente de 120 pessoas. Foi o momento da minha vida que me deixou mais triste.” (Informação oral)

O trecho da entrevista nos chama atenção para o fato de que malgrado o relativo acesso de mulheres ao pastorado em algumas igrejas, isso não significa que elas sintam-se ocupando

⁴³ GREEN, 2009.

⁴⁴ GREEN, 2009.

⁴⁵ GREEN, 2009, p. 23.

⁴⁶ GREEN, 2009, p. 25.

⁴⁷ BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. E a mulher rompeu o silêncio. A propósito do segundo Encontro sobre a produção teológica feminina nas Igrejas cristãs. *Perspectivas Teológicas*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 46, p. 371-381, 1986, p. 372. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1813/2131>. Acesso em: 20 nov. 2019.



espaços de poder, portanto em relação simétrica com os homens. Isto porque, a despeito de liderarem igrejas, ainda permanecem submissas a uma hierarquia masculina, supostamente legitimada pelo texto bíblico, notadamente pelas Cartas de Paulo.

Cartas de Paulo x Contexto histórico: A invisibilidade da mulher acentuada pela tradição cristã

Para entender sobre as cartas de Paulo que tratam sobre a mulher, faz-se imprescindível destacar que a Bíblia Sagrada é dividida em duas partes, conhecidas como Velho Testamento e Novo Testamento, onde existem relatos escritos por pessoas sobre os acontecimentos antes e depois do nascimento de Cristo, respectivamente. As cartas de Paulo destinadas aos Efésios e a Timóteo encontram-se no Novo Testamento, portanto, cronologicamente, foram escritas depois de Cristo e endereçadas para pessoas ou igrejas específicas.

No livro bíblico de I Coríntios, no capítulo 14, versículo 34 e 35, o apóstolo Paulo escreve que “as mulheres devem permanecer em silêncio durante as reuniões da igreja. Não é apropriado que falem. Devem ser submissas, como diz a lei. Se tiverem alguma pergunta, devem fazê-la ao marido, em casa, pois não é apropriado que as mulheres falem nas reuniões da igreja”⁴⁸.

O excerto bíblico, acima citado, reflete uma visão acerca da mulher que era a regra antes mesmo do cristianismo. Nesta perspectiva, há a necessidade de perscrutar a condição feminina no espaço social, considerando seus papéis e o silêncio ao qual fora submetida, a fim de compreender a diversidade das suas representações nas suas permanências e mudanças. A este respeito, Michelle Perrot considera que o silêncio imposto às mulheres está relacionado diretamente à sua invisibilidade social, tal como ela afirma:

[...] elas atuam em famílias, confinadas em casa ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranquila. Sua aparição em grupo causa medo. Entre os gregos, é a *stasis*, a desordem. Sua fala em público é indecente.⁴⁹

Historicamente, o silenciamento de mulheres também tem sido uma regra nas Igrejas Evangélicas, e o fundamento para tal prática é justamente o versículo bíblico anteriormente citado. Kris Vallotton⁵⁰, pastor estadunidense, presenciou diversas situações constrangedoras que alguns membros das Igrejas Evangélicas submetiam às mulheres, impedindo-as de exercerem lideranças e assumirem cargos de destaque. Devido a isso, passou quinze anos pesquisando os textos bíblicos em hebraico e analisando o contexto histórico de cada um deles, para então falar com propriedade sobre o assunto.

⁴⁸ BÍBLIA. Bíblia Sagrada, Nova Versão Transformadora: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de Estevan F. Kirschner. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2016.

⁴⁹ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017, p. 17.

⁵⁰ VALLOTON, 2015.

Existem algumas lacunas teológicas quanto à interpretação desse versículo. Os líderes religiosos mantiveram as mulheres em um nível de submissão, silenciando-as com base nas palavras do apóstolo Paulo. Para Kris Valloton⁵¹, ignorar os contextos históricos em que as mulheres estavam inseridas na época produz consequências e, portanto, não se pode aplicar versículos isolados que foram destinadas a uma comunidade específica, sem que isso ocasione diferença entre gêneros e a manutenção do sexismo nas Igrejas Evangélicas. Assim:

Ignorar os cenários contextuais da Escritura e aplicar as epístolas universalmente tem resultado em consequências inimagináveis, tais como a escravidão e um preconceito de gênero incoerente em relação às mulheres. Por séculos, as mulheres foram forçadas a fazer votos de silêncio quando entram num prédio de igreja e, foram reduzidas a serem cidadãs sem poder do Reino. Por tempo demais as mulheres têm vivido num ambiente de duas classes, na maioria das vezes promovido, perpetuado e impulsionado por crentes mal-informados⁵².

As palavras do apóstolo Paulo levam a conclusão de que os homens devem ensinar as mulheres e as mesmas devem ficar em silêncio, tanto nas Igrejas, como em sua casa. Todavia, a cidade de Corinto era pagã, havendo um culto unânime à deusa Afrodite e, por conta disso, recebia inúmeros turistas, marinheiros e vendedores viajantes, sendo reconhecida como uma cidade portuária. Kris Valloton⁵³ reforça a ideia de que os homens eram ignorantes quanto as leis cristãs, portanto, não poderiam ensinar as mulheres sobre algo que sequer conheciam. Logo, essa interpretação teológica de que as mulheres devem permanecer em silêncio nas Igrejas Evangélicas não tem fundamentos quando se analisa o contexto histórico. Nesse sentido, destaca-se:

Outro ponto interessante me leva a crer que nossa passagem restritiva é mais uma pergunta para Paulo do que Paulo fazendo uma declaração. Quem quer que esteja por trás do versículo 34, onde se lê 'não lhes é permitido falar, mas estejam submissas, como também ordena a lei', não conhecia a Lei. Nada na Lei restringe as mulheres de falar em qualquer ambiente público [...] Nessa teoria, Paulo responde aos homens com o próximo versículo ao perguntar 'saiu dentre vós a palavra de Deus? Ou veio ela somente para vós? (I Coríntios 14:36). Ou em outras palavras 'Vocês homens acham que a Palavra de Deus originou-se com vocês ou que ela veio somente para os homens?'⁵⁴

Paulo escreve o livro bíblico de Coríntios em resposta a uma carta que ele havia recebido dos seus moradores, ficando evidente em diversos versículos devido a forma da escrita, como por exemplo, "ora, quanto as coisas que me escrevestes [...]”, dando a ideia de um diálogo que já havia acontecido anteriormente. Todavia, o apóstolo Paulo não se atém ao formato de citar a questão dos coríntios antes de lhes dar sua resposta, estando a escrita em texto corrido, portanto, torna-se difícil distinguir pergunta e resposta do versículo polêmico.

⁵¹ VALLOTON, 2015.

⁵² VALLOTON, 2015, p. 175.

⁵³ VALLOTON, 2015.

⁵⁴ VALLOTON, 2015, p. 202-205.

Vale ressaltar que, quando homens aplicam as palavras da Bíblia Sagrada para reforçar preconceitos ou as próprias convicções acerca de determinado assunto, tendem a retirar o propósito natural da religião, que não é segregar pessoas e fazer com que mulheres não se sintam parte do cristianismo. Para Kris Valloton⁵⁵, as pessoas leem as escrituras sagradas inclinados a encontrar fundamento para validar aquilo que acreditam. “Quando aplicam a Escritura de um modo que não é redentor, que retira poder, que é opressivo ou que desonra, isso, de alguma forma, viola a natureza de Deus. Contudo, as pessoas continuam a fazer tais aplicações”⁵⁶.

Para Adriana Valerio⁵⁷, é importante que a leitura da Bíblia Sagrada não seja utilizada para justificar a exclusão das mulheres, mas para encontrar fundamentos de valorização feminina, seja no âmbito social ou eclesial, tendo em vista que a leitura distorcida oprimiu e reduziu as mulheres à subordinação durante a história do cristianismo.

Refiro-me às tentativas de reler a Bíblia não mais para justificar a exclusão ou a subordinação das mulheres, antes para encontrar nela o fundamento da valorização do universo feminino, para o seu maior reconhecimento no âmbito eclesial e social. O papel encarnado por Eva na economia da salvação (criação e queda), de um lado, e a proibição dada por São Paulo às mulheres da comunidade de Corinto de se pronunciarem em qualquer caso com palavra de autoridade constituem os textos fundamentais que inspiraram as estruturas dos sistemas eclesiástico e político. A leitura distorcida de tais textos excluiu o sexo feminino da visibilidade institucional, relegando-o tão-somente ao exercício de papéis subordinados. Paralelamente a uma esmagadora tradição exegética, é possível reatar os fios de uma leitura tênue, talvez, mas constante, feita por algumas mulheres que souberam colher na palavra bíblica uma ocasião para ganharem força e consciência de si, graças a novas perguntas postas aos textos que elas julgavam interpretados erroneamente pela tradição exegética.⁵⁸

Durante a entrevista com as pastoras que atuam em Belém, quando questionadas se era importante analisar o contexto histórico das cartas de Paulo, a resposta foi a de que Jesus, nos seus evangelhos, empoderou as mulheres, portanto, caso não haja análise histórica e detalhada das escrituras, os homens estarão retirando o poder que foi outorgado por Cristo. É o que fica claro quando uma das pastoras afirma:

“Maria Madalena foi a primeira. Jesus poderia ter escolhido um dos onze discípulos para ter aparecido ressurreto. Mas Jesus esperou para contar para Maria Madalena. A partir dali ela se torna a primeira mulher missionária da história. A primeira pessoa que anuncia as boas novas de Jesus foi uma mulher. Se você lê os evangelhos, você não vê Jesus dialogando com homens. Mas você vê Jesus investindo tempo em uma mulher, conversando com uma samaritana. Isso pra mim não é de hoje. O ser humano erra não deixando uma mulher falar de Jesus.” (Informação verbal)

Em outra carta do apóstolo Paulo, destinada a Timóteo, um dos seus alunos e discípulos quanto ao aprendizado sobre o evangelho de Jesus, Paulo diz em I Timóteo 2:11-13 “As mulheres

⁵⁵ VALLOTON, 2015.

⁵⁶ VALLOTON, 2015, p. 205.

⁵⁷ VALERIO, 2005.

⁵⁸ VALERIO, 2005, p. 370.

devem aprender em silêncio, com toda submissão. Não permito que as mulheres ensinem aos homens, nem que tenham autoridade sobre ele”⁵⁹. Timóteo era o líder da Igreja localizada na cidade de Éfeso, conhecida como a “casa da deusa Artemis, ou Diana”⁶⁰. A deusa Artemis possuía uma coroa na cabeça, que significava o governo feminino e muitos ovos cercando seu tronco, representando a fertilidade.

O culto a deusa Artêmis tinha influência entre as pessoas que frequentavam a Igreja liderada por Timóteo, sendo inclusive demonstrado na Bíblia, anteriormente, que o povo de Éfeso temia que o templo da deusa fosse destruído devido a disseminação da pregação do apóstolo Paulo. Portanto, culturalmente, o feminino era idolatrado, o que implicava mulheres tentando aplicar as regras da cultura dentro do cristianismo, fazendo com que houvesse uma dominação dos homens dentro da Igreja.

O apóstolo Paulo usa o termo ‘autoridade’, que tinha consigo a ideia de ‘ter domínio sobre dominar ou conseguir vantagem’, a fim de dizer que as mulheres não poderiam, dentro do cristianismo, proclamar a si mesmas como autoras dos homens, devendo estar sujeitas ao ensino, não ao instrutor. Para Kris Valloton⁶¹, as epístolas foram escritas para pessoas e igrejas específicas para tratar sobre assuntos relevantes para sua cultura, e apenas para ela. Logo, não se pode expandir a aplicação dessas cartas do apóstolo Paulo para além do âmbito da intenção do autor.

Os argumentos contra o ministério eclesiástico feminino entram facilmente em contradição, tendo em vista que existem referências bíblicas de mulheres que possuem autoridade para liderar, a exemplo: “Débora liderou Israel em tempos difíceis. Alguns sugeriram que Débora somente liderou pela ausência de liderança masculina, mas essa avaliação não concorda com o registro bíblico”⁶². Outra mulher que merece destaque é Júnias, chamada de “bem-conceituada entre os apóstolos” em uma das cartas de Paulo. “Algumas traduções fizeram alterações para transformar esse nome em masculino, Junias, porque ela é chamada de apóstolo, mas não há evidência alguma, gramatical ou historicamente, para essa mudança [...] Júnias era uma apóstola na igreja de Roma”⁶³.

O apóstolo Paulo, em uma carta destinada a Igreja de Gálatas, diz no capítulo 3, versículo 28 que “não há mais judeu nem gentio, escravo nem livre, homem nem mulher, pois todos vocês são iguais em Cristo Jesus”⁶⁴. Para Elisabeth Fiorenza⁶⁵, o símbolo do cristianismo estaria expresso nessa carta aos Gálatas, logo, teoricamente, não há desigualdade com base em raça, nacionalidade, condição social e sexual, todavia, a Igreja mantém a igualdade para todos os cristãos

⁵⁹ BÍBLIA, 2016, p. 1005.

⁶⁰ VALLOTON, 2015, p. 176.

⁶¹ VALLOTON, 2015.

⁶² VALLOTON, 2015, p. 235.

⁶³ VALLOTON, 2015, p. 234.

⁶⁴ BÍBLIA, 2016, p. 984.

⁶⁵ FIORENZA, 1994.

somente quanto a salvação, esperança e caridade, entretanto, ignora as estruturas da Igreja e o ofício eclesiástico feminino.

Além disso, reitera-se que o tratamento que Jesus dispensara às mulheres revela sua face subversiva, no sentido de ir de encontro a ordem instituída, no contexto social vigente na qual as mulheres eram impedidas de atuarem na esfera pública, ficando confinadas ao espaço privado, doméstico. O texto bíblico deixa claro que Jesus incluiu mulheres em grupo de discípulos, o que certamente representou uma revolução em suas vidas, tendo em vista que historicamente o domínio privado lhes fora reservado. Isso pode ser corroborado nas palavras de Jeremias, quando afirma que:

Somente a partir dessa perspectiva da época é que podemos apreciar devidamente a posição de Jesus em face da mulher [...] falam das mulheres que acompanhavam Jesus; trata-se de um fato sem precedentes na história da época [...] Jesus altera conscientemente os costumes, deixando que algumas o sigam [...] Jesus não se contenta de elevar a mulher acima do nível em que tradição a mantinha; enquanto salvador, enviado a todos [...] coloca-a em pé de igualdade com o homem [...] ⁶⁶

É sabido que o cristianismo é um sistema religioso-doutrinário que só pode ser engendrado com base nos ensinamentos de Jesus Cristo, que deixou como seu grande legado uma ética de amor ao próximo pautada na alteridade, e que não se tem registros, no texto sagrado, por parte de Jesus, de qualquer tratamento discriminatório dispensado às mulheres. Diante disso, como justificar que as Igrejas que se orientam pelos ensinamentos de Cristo inviabilizem que mulheres possam exercer o pastorado, na propagação da fé cristã? Especialmente no contexto atual, diferentemente da época de Jesus, em que não é mais possível justificar que mulheres devam ser submetidas ao poder masculino, dado especialmente as lutas feministas por igualdade entre homens e mulheres, que têm promovido mudanças substanciais do papel da mulher na sociedade atual.

Considerações finais

Diante do exposto, percebe-se que apesar de haver ocupação da mulher nos cargos de liderança nas Igrejas Evangélicas de Belém, a estrutura do cristianismo continua sendo sexista e patriarcal, tendo em vista que, as mulheres são submetidas ao papel de coadjuvantes dentro desse espaço, devido a aplicação de textos bíblicos que precisam de contexto histórico para terem eficácia. Para o Kris Valloton⁶⁷, o evangelho de Jesus é sempre redentor. Quando há qualquer restrição por causa de sexo, origem ética ou status social, há uma distorção do que realmente significa o cristianismo.

⁶⁶ JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém nos tempos de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 494.

⁶⁷ VALLOTON, 2015.

Vale ressaltar que a teoria de que as mulheres não podem exercer o pastorado com base nas cartas do apóstolo Paulo não encontra fundamentação teológica, tendo em vista que Jesus fundou o primeiro movimento de libertação das mulheres, segundo a Teologia Feminista. No evangelho de Marcos, relata-se o encontro de Maria Madalena com Jesus, que foi libertada de demônios que a atormentavam. Ela se tornou testemunha de grandes momentos retratados na Bíblia Sagrada, como a vida, morte de Jesus e sua ressurreição. Conforme o evangelho, foi a primeira pessoa a ver Jesus ressurreto, sendo enviada aos discípulos para proclamar o que acabara de presenciar. Segundo teólogas feministas, nesse momento, outorga-se o poder para a mulher pregar o evangelho.

Apesar de pastores patriarcais tentarem reduzir o papel de Madalena, colocando-a como uma prostituta, a fé cristã é baseada no testemunho e proclamação das mulheres. Devido a Maria Madalena, as mulheres podem redescobrir, contemplando sua imagem, a importante função e papel que têm para a Igreja, tendo em vista que mulheres não podiam ser ensinadas por homens e, apesar disso, Maria Madalena foi considerada como “o apóstolo dos apóstolos”, pois, além de ser ensinada por Jesus, Ele se revelou para ela quando já estava ressuscitado.

Ademais, no evangelho segundo Marcos, tem-se a descrição de uma história onde uma mulher derrama um frasco de nardo puro, um perfume caríssimo, na cabeça de Jesus. Os discípulos que presenciaram a cena, condenaram a atitude da mulher, alegando que o perfume poderia ser vendido e o dinheiro dado aos pobres. Jesus, ao ouvir as murmurações, diz que a atitude dela foi louvável e, onde quer que o evangelho fosse anunciado, o que a mulher fez seria contado em sua memória. Elisabeth Fiorenza⁶⁸, acredita que essa história bíblica é um dos maiores símbolos da importância feminina para Jesus, que não pretendia que a estrutura da Igreja fosse excludente e sexista.

Conclui-se que se tem uma leitura seletiva e tendenciosa dos textos bíblicos, pois os versículos que demonstram um protagonismo feminino são ignorados e, com base em trechos isolados, perpetua-se a invisibilidade das mulheres. Tal seletividade não é desmotivada, mas encontra seus fundamentos na cultura que ensina às mulheres o exercício de papéis de subserviência, e que confere visibilidade apenas para lideranças e conquistas masculinas, tornando os espaços privados – como a instituição da Igreja Evangélica – dominados pelas masculinidades, tal qual os espaços públicos.

Através das entrevistas com as pastoras que atuam nas Igrejas Evangélicas de Belém do Pará, percebe-se as dificuldades que são geradas em razão do seu sexo, tendo em vista que as lideranças masculinas não são contestadas, tampouco silenciadas, já que os homens são

⁶⁸ FIORENZA, 1994.



encarados como os únicos designados a exercer essa função. Apesar da ocupação das mulheres nos cargos de liderança acontecer de forma gradativa, nota-se o quanto a representatividade produz efeito, mesmo no cristianismo, já que as mulheres são inspiradas à liderança com base no exemplo das próprias pastoras, gerando uma possível ruptura, ainda que futuramente, da cultura sexista desse espaço.

Resgatar a identidade feminina dentro das Igrejas Evangélicas como partes necessárias e atuantes desde o primórdio do cristianismo contribui para que a estrutura de invisibilidade seja suprimida, dando espaço ao protagonismo da mulher nesse ambiente. Precisar a conexão entre o evangelho de Jesus e a libertação das mulheres nas Igrejas é tarefa que se desdobra para que seja possível (re)pensar em um novo molde para as Igrejas Evangélicas, sem que esta instituição seja regulada pelo patriarcado e sexismo. Cabe as mulheres ousarem construir um novo capítulo dessa história, falando em nome de Deus através das suas próprias vivências e experiências, com uma linguagem que aproxime a divindade das suas realidades, para que, assim, consolidem ali o seu espaço de liderança, restaurando a independência e autonomia feminina também dentro das Igrejas Evangélicas.

Cabe ressaltar que as diferentes vertentes das Teologias Feministas buscam identificar, nomear e combater situações de injustiças e opressões através das especificidades que representa ser mulher, latino-americana, caribenha, negra e pastora. Portanto, a Teologia Feminista não é uma teoria una, mas sim, formada por várias vozes e adaptadas a partir das realidades, experiências e vivências das mulheres.

Certamente em razão da insatisfação das mulheres que assumem liderança, pelos motivos expostos nesse trabalho, notadamente no que tange às restrições impostas ao pastorado de mulheres, tem surgido uma inovação no interior das Igrejas Evangélicas. Trata-se do fenômeno do surgimento de novas igrejas, as denominadas Igrejas pentecostais autônomas, fundadas por mulheres pastoras que não se limitam aos espaços restritos que lhes foram destinados. Tal insatisfação que impulsiona a criação de novas igrejas por essas líderes pode ser interpretada como a tentativa dessas mulheres de viverem sua genuína religiosidade e exercerem o pastorado, sem a submissão que suas igrejas anteriores lhes impuseram.

O surgimento dessas novas igrejas revela o movimento de resistência das pastoras dissidentes e abre possibilidades de construção de novas identidades femininas no interior das igrejas evangélicas. Demais disso, constrói visibilidade para o pastorado feminino, que deve ser exercido sem a subjugação masculina, portanto, em condições absolutamente simétricas, uma vez que não há qualquer obstáculo fático inerente a uma suposta condição feminina.



Referências

ARAÚJO, Claudete. Desafios e perspectivas à produção teológica a partir da contribuição das teologias feministas. In: Luiz Carlos Susin (Org.). *Sarça Ardente: Teologia na América Latina: prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2000.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo, a experiência vivida*. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. Vol. 2.

BÍBLIA. Bíblia Sagrada, Nova Versão Transformadora: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de Estevan F. Kirschner. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2016.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. E a mulher rompeu o silêncio. A propósito do segundo Encontro sobre a produção teológica feminina nas Igrejas cristãs. *Perspectivas Teológicas*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 46, p. 371-381, 1986. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1813/2131>. Acesso em: 20 nov. 2019.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEIFELT, Wanda. Os Primeiros Passos de uma Hermenêutica Feminista: a Bíblia das Mulheres, editada por Elizabeth Candy Staton. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 32, n. 1, p. 5-14, 1992. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br>. Acesso em: dez. 2019.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *In Memory of Her: A Feminist Theological Reconstruction of Christian Origins*. New York: Crossroad, 1994.

GEBARA, Ivone. Desafios que o movimento feminista e a teologia feminista lançam à sociedade e às Igrejas. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 27, n. 2, p. 153-161, 1987. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1210. Acesso em: 12 dez. 2021.

GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Editora brasiliense, 2007.

GEBARA, Ivone. *Mulheres, Religião e Poder: ensaios feministas*. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017.

GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*. Tradução de João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 1998.

GONÇALVES, Rafael Bruno; PEDRA, Graciele Macedo. O surgimento das denominações evangélicas no Brasil e a presença da política. *Diversidade Religiosa*, João Pessoa, v. 7, n. 2, p. 69-100, 2017.

GREEN, Elizabeth. *Elisabeth Schüssler Fiorenza*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Explosão Feminista*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém nos tempos de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1986.



JOHNSON, Elizabeth. *Aquela que é: O ministério de Deus no trabalho teológico feminino*. Petrópolis: Vozes, 1995.

KROB, Daniéli Busanello. Teologia Feminista Latino-Americana, Teologia Feminista Negra e Teologia Ecofeminista: partes de um todo. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE, 18, 2014, Recife, PE. *Anais [...]*. Recife, PE: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2014. p. 3629-3644. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/535/862>. Acesso em: 3 ago. 2020.

LERNER, Gerda. *A criação do Patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Editora Pensamento; Cultrix, 2019.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

ROHDEN, Fabiola. *Catolicismo e protestantismo: o feminismo como uma questão emergente*. Rio de Janeiro: UFRJ; ISER, 1997.

ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 294-304, jan./abr. 2006.

SANTOS, Maria Goreth. *A mulher na hierarquia evangélica: o pastorado feminino*. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

TOGNINI, Enéas. *Eclesiologia (Doutrina da Igreja)*. São Paulo: Edições Convenção Batista Nacional, 1988.

VALERIO, Adriana. A teologia, o feminino. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 367-376, 2005.

VALLOTON, Kris. *Modeladas para reinar: outorgando poder às mulheres para cumprir seu destino divino*. Belo Horizonte: Editora Se7e Montes, 2015.

VIERO, Gloria Josefina. *Inculturação da fé no contexto do feminismo*. 2005. 205 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7089/7089_1.PDF. Acesso em: jan. 2020.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Tradução de Regis Barbosa e Katen Elsabe Barbosa. Brasília: UNB, 2000.